

Sinais, prodígios e milagres: análise exegética de termos bíblicos.

T. de O. Geraldo¹

¹ Doutor Canônico em Teologia pela Universidade Pontifícia Bolivariana (UPB), Medellín – Colômbia. Professor do Instituto *LumenSapientiae*, Brasil.

E-mail: thiagoogeraldo@gmail.com

COMO FAZER A REFERÊNCIA DO ARTIGO:

GERALDO, T. de O. **Sinais, prodígios e milagres:** análise exegética de termos bíblicos. **Unifal em Pesquisa**, URL: www.unifal.com.br/portal/cepesq/revista_eletronica.html. São Paulo SP, v.5, n.2 p. 246-267, Jul/2015.

RESUMO

O presente artigo pretende analisar três termos bíblicos que aparecem juntos em alguns trechos do Novo Testamento: *sinais*, *prodígios* e *milagres*. Uma análise exegética a partir dos originais bíblicos permitirá distinguir os traços característicos de cada um desses conceitos, bem como sua inter-relação quando aparecem juntos. Faz parte da análise, no presente artigo, tentar buscar tanto o significado primitivo dessas palavras como sua posterior evolução dentro da compreensão religiosa das Sagradas Escrituras, passando do Antigo ao Novo Testamento.

Palavras-chave: sinal, prodígio, milagre, poder, força, exegese.

ABSTRACT

The present article intends to analyze three biblical terms which appear together in some passages of the New Testament: *signs, prodigies and miracles*. An exegetical analysis from the original biblical scripts will distinguish the characteristic features of each of these concepts, as well as their inter-relation when they appear together. A part of the analysis, in this article, is to try to search the primitive meaning of these words as well as their subsequent developments within the religious understanding of the Sacred Scriptures, passing from the Old Testament to the New.

Keywords: sign, prodigy, miracle, power, force, exegesis.

1 INTRODUÇÃO

Ao escrever um texto, sempre surge a preocupação de evitar a repetição de palavras através do uso de sinônimos, vocábulos que têm um significado semelhante embora com matizes diferentes. Esta precaução literária pode dar mais eloquência a um texto e mostrar erudição.

No entanto, os autores que escreveram o texto bíblico, sob a inspiração de Deus, escreveram cada um de acordo com o seu contexto vital e suas capacidades intelectuais. Alguns desses textos brilham pela eloquência, outros pela sobriedade, mas todos estão carregados de significados religiosos. É justamente sobre o sentido original de três conceitos utilizados no Novo Testamento que versa a presente pesquisa.

Os termos *senal*, *prodígio* e *milagre* são empregados juntos em algumas partes do Novo Testamento (At 2,22; 2Co 12,12; Hb 2, 4; 2Ts 2,9). Talvez possam soar como sinônimos, mas cada um possui seu matiz.

O presente trabalho pretende analisar cada um dos termos isoladamente para depois observar como eles se relacionam. Portanto, dentro da exegese bíblica, a pesquisa se encaixa na análise semântica do texto, auxiliada por argumentos teológicos.

Não será possível analisar todas as passagens bíblicas em que aparecem, o que ultrapassaria o espaço de um artigo acadêmico. Basta ver a utilização de cada um desses termos no Novo Testamento: o termo *senal* foi utilizado 77 vezes no Novo Testamento, o termo *prodígio* aparece em 16 ocasiões e *milagre* 119 vezes. A proposta é condensar o

significado de cada um deles em passagens expressivas. As citações do Antigo Testamento serão sempre da versão grega dos LXX² pelo motivo de que os termos analisados são de origem grega.

2 SINAL (σημεῖον)

O termo sinal, do grego σημεῖον (sēmeîon), é um nome derivado da palavra σῆμα (sêma), cujos vários significados, na Antiga Grécia, podem ser resumidos em:

tudo o que constitui um signo, um sinal, uma marca, um signo de reconhecimento, um sinal enviado pelos deuses, emblema de um escudo, o que indica a presença da morte, túmulos, monumento funerário (CHANTRAINE, 1968, p. 998, tradução nossa).

2.1 Sinal: um gesto simbólico ou um milagre?

Um sinal pode ser um milagre ou não. Segundo Coenen; Beyreuther; Bietenhard (1990), o que ele faz é assegurar, constatar e confirmar alguma coisa percebida oticamente ou aquilo que foi dito.

Geralmente, as profecias do Antigo Testamento eram acompanhadas de sinais e o próprio povo israelita já estava acostumado com eles. Um exemplo característico de sinal são as portas dos israelitas marcadas com sangue, no Egito, quando passou o anjo exterminador para cumprir a décida praga prometida por Moisés. Assim relata o texto bíblico: “O sangue sobre as casas nas quais vós estais

² As cifras romanas LXX ou o termo latino *Septuaginta* referem-se à tradução dos Setenta. É a primeira tradução da Bíblia Hebraica para uma língua estrangeira. Sua história procede da Carta de Aristeias, segundo a qual 72 sábios judeus traduziram a Bíblia em 72 dias a pedido do rei do Egito, Ptolomeu II Filadelfo (287-247 a.C.), o qual encomendou uma cópia do escrito sagrado para sua biblioteca em Alexandria (LIMA, 2007).
Unifalco em Pesquisa, São Paulo SP, v.5, n.2 julho 2015

será para vós um **sinal**³; verei o sangue e passarei por vós, e não haverá entre vós a praga destruidora, quando eu ferir a terra do Egito” (Ex 12,13, grifo e tradução nossa)⁴.

Ademais, os profetas do Antigo Testamento utilizavam gestos (sinais) para comprovar suas palavras. Jeremias narra que o Senhor lhe mandou ir à casa de um oleiro e comprar um vaso de barro. Também deveria levar com ele os anciãos do povo e os sacerdotes próximos à olaria, para ali dar-lhes o sinal (Jr 19,1-2). Após fazer algumas imprecizações contra o povo, o profeta continua sua ação simbólica:

quebrarás a bilha sob os olhares dos homens que forem contigo, e dirás: Assim diz o Senhor: quebrarei este povo e esta cidade, da mesma forma como foi quebrado este vaso de barro, o qual não será possível ser consertado (Jr 19,10-11, tradução nossa).

Não se trata de uma aparição espetacular de Deus nem de um milagre, mas é apenas uma ação que visa exemplificar, através de atitudes, aquela mensagem que Deus lhe ordenara pronunciar.

O sinal também pode ser um milagre, como no caso de Gedeão, relatado no livro dos Juízes, ocasião em que ele pede ao anjo que lhe dê provas para a realização de sua missão (Jz 6), que se resume na luta para libertar Israel, em especial a tribo de Manassés, da opressão madianita.

Para os israelitas, os sinais milagrosos não são antinaturais, porque na mentalidade deles não há separação entre a lei natural e Deus (COENEN; BEYREUTHER; BIETENHARD, 1990, p. 90). Portanto,

³O termo hebraico correspondente a sinal é *'ōt* (אֹת).

⁴ As passagens bíblicas do Antigo Testamento serão traduzidas a partir dos originais, em grego, da edição crítica de: RAHLFS, Alfred e HANHART, Robert. Septuaginta. Editio altera. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

os sinais estavam diretamente ligados ao domínio de Deus sobre a criação.

Uma das características dos sinais é sua visibilidade, permitindo ser identificado enquanto sinal. Eis alguns exemplos significativos no Novo Testamento. O beijo de traição de Judas é considerado um sinal, embora com sentido negativo: “O próprio traidor lhes deu um **sinal**, dizendo: Aquele que eu beijar, é ele. Prendei-o!” (Mt 26,48, grifo e tradução nossa)⁵.

Outro sinal, desta vez positivo, refere-se ao que o anjo deu aos pastores por ocasião do nascimento de Jesus: “Isto será para vós um **sinal**: encontrareis um recém-nascido envolto em panos e deitado na manjedoura” (Lc 2,12, grifo e tradução nossa).

Também São Paulo considera um sinal sua própria assinatura: “A saudação é com minha mão, de Paulo. É este o **sinal** nas minhas cartas. É assim que escrevo” (2Ts 3,17, grifo e tradução nossa). Esta última citação faz referência às falsificações de documentos no início do Cristianismo⁶. Muitos assinavam cartas ou livros em nome dos Apóstolos, surgindo dificuldades de reconhecer os escritos canônicos, discussão que foi levada até o início do século V, momento em que o Papa Inocêncio I (405) definiu o primeiro cânon bíblico católico.

2.2 O domínio de Deus sobre a natureza no Novo Testamento.

⁵ Para as traduções do Novo Testamento será utilizada a edição crítica de: THE GREEK NEW TESTAMENT. Former Editions edited by Kurt Aland, Matthew Black, Carlo M. Martini, Bruce M. Metzger, and Allen Wikgren. D-Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2002.

⁶ Provavelmente, São Paulo fez uso de um amanuense para escrever esta carta, mas ele mesmo quis assiná-la, confirmando a inspiração do Espírito Santo e para evitar confusão com cartas falsas que circulavam em nome dos Apóstolos (FOSCI, 2013; VAWTER, 1966).
Unifal em Pesquisa, São Paulo SP, v.5, n.2 julho 2015

Os sinais também são usados para demonstrar o domínio de Deus através da natureza, como no discurso de Jesus sobre a ruína de Jerusalém, relatado pelo evangelista São Lucas: “Haverá grandes terremotos, pestes e fomes em vários lugares, e haverá coisas espantosas e grandes **sinais** do céu” (Lc 21,11, grifo e tradução nossa). Tratam-se, neste caso, de sinais celestes, os quais confirmam um acontecimento (a ruína de Jerusalém).

Os milagres de Jesus (curas em geral) são mais atos de poder (δυνάμεις) e revelam o auxílio de Deus, pressupondo a fé daqueles que pedem os milagres. Os sinais, ao contrário, servem para suscitar a fé, como no caso do profeta Moisés e as pragas do Egito. Curiosamente, São João Evangelista utiliza a palavra sinais (σημεῖα) para indicar os milagres de Jesus. Isto ocorre para Nosso Senhor mostrar sua glória e sua missão (BALZ; SCHNEIDER, 2002).

Exemplificamos com o fato ocorrido nas bodas de Caná: “Jesus fez este que foi o primeiro de seus **sinais**, em Caná da Galileia. Manifestou a sua glória e **creram nele os seus discípulos**” (Jo 2,11, grifo e tradução nossa). São João usa essa fórmula para mostrar que Jesus Cristo é o Filho de Deus. Portanto, o sentido desse sinal se encaixa perfeitamente com o Antigo Testamento, pois suscita a fé em Nosso Senhor.

Os próprios apóstolos e discípulos realizaram sinais neste sentido utilizado por São João: em primeiro lugar para mostrar a divindade de Jesus Cristo e depois para comprovar a pregação dos apóstolos. A exemplificação pode ser encontrada na cura do coxo, à porta do Templo, ocasião em que São Pedro e São João foram lá pregar, após a ascensão do Senhor. O homem curado entrou com eles no Templo e

todos o reconheceram. Este homem se tornou um sinal para que todos cressem na pregação dos Apóstolos (At 3,1-11).

O próprio Sumo Sacerdote, juntamente com os anciãos e os escribas, reconheceu este sinal: “O que faremos com estes homens? Pois é conhecido e manifesto a todos os moradores de Jerusalém que aconteceu um **sinal** por meio deles e não podemos negar” (At 4,16, grifo e tradução nossa).

Quando os profetas anunciavam alguma mensagem, confirmavam esta mensagem com um sinal. Mas Jesus “aboliu” os sinais, pois bastava o sinal do profeta Jonas para os israelitas, segundo argumenta o próprio Cristo com os escribas e fariseus (Lc 11,29). Jonas foi um sinal de Jesus, tanto pela pregação do profeta (sobre o arrependimento) quanto pelo simbolismo da ressurreição (três dias no ventre do peixe). Este diálogo ocorreu logo após a discussão sobre a expulsão de um demônio e os fariseus afirmaram que é em nome de Belzebu que Jesus expulsava os demônios.

Então, alguns dos escribas e fariseus responderam, dizendo: Mestre, queremos ver um **sinal** teu. Mas Ele, respondendo, disse-lhes: Uma geração má e adúltera procura um **sinal**, mas não lhe será dado um **sinal**, senão o **sinal** do profeta Jonas (Mt 12,38-39, grifo e tradução nossa).

Não era necessário dar mais sinais para que eles cressem, pois os escribas e fariseus viam as curas, a expulsão dos demônios, as conversões. Pedir mais sinais equivaleria tentar a Deus, que se manifestava diante de seus olhos.

Aprofundando esta posição, vale lembrar um fato significativo ocorrido por ocasião da apresentação do Jesus ao Templo de Jerusalém, narrado pelo evangelista São Lucas:

Unifalco em Pesquisa, São Paulo SP, v.5, n.2 julho 2015

E Simeão abençoou-os e disse a Maria, a mãe dele: Eis que ele está designado a ser queda e elevação para muitos em Israel, e a ser um **signal** de contradições, para que sejam revelados os pensamentos de muitos corações. E uma espada transpassará a tua própria alma (Lc 2,34-35, grifo e tradução nossa).

A própria presença de Jesus Cristo é um sinal de contradição. Observando o texto com atenção, veremos que a contradição não parte de Cristo, porque apenas ficará manifesto “os pensamentos de muitos corações”, ou seja, na presença de Jesus as intenções ocultas, as hipocrisias, as falácias caem por terra. Muitas vezes, isso não se passa sem um entrechoque, como ocorreu com os escribas e fariseus.

3 PRODÍGIO (τέρας)

Antigamente, na compreensão helenística, o termo grego τέρας (téras) era entendido como aquilo que está fora da natureza ou que é incompreensível. Nos dizeres de Bailly (2000), podia ser um sinal enviado pelos deuses: um presságio assustador, um sinal extraordinário, um prodígio. Também podia ser um prodígio que anunciasse uma guerra, através de um meteoro ou algum outro sinal celeste. Por último, referia-se a algo estranho, como um animal monstruoso, coisas prodigiosas ou incríveis.

Percebemos que em alguns pontos, os termos *prodígio* e *sinal*, na cultura grega, podem ser entendidos da mesma forma. Mas podemos diferenciá-los, compreendo sinal como algo que identifica e confirma alguma coisa, e prodígio como algo que deixa assombrado quem o presencia. Nem sempre o sinal tem essa característica assombrosa e

sobrenatural. Com o passar do tempo o termo prodígio foi utilizado para dizer que é Deus quem opera de forma admirável.

No Antigo Testamento, os prodígios se referiam às intervenções espetaculares de Deus. Este termo geralmente é acompanhado pelos “sinais”, a fim de mostrar os acontecimentos do Êxodo. Eis o que diz o Senhor a Moisés: “Mas eu endurecerei o coração do faraó, e multiplicarei meus **sinais e prodígios**⁷ na terra do Egito” (Ex 7,3, grifo e tradução nossa). E em outro lugar: “Diante de nós, o Senhor deu **sinais e prodígios**, grandes e maus, no Egito, ao faraó e a toda sua casa” (Dt 6,22, grifo e tradução nossa).

3.1 Prodígios e sinais no Novo Testamento

Nos Evangelhos nunca se utiliza este termo para se referir aos atos de Nosso Senhor e, sempre que aparecem, os prodígios vão acompanhados pelos sinais (BALZ; SCHNEIDER, 2002, p. 1730). O discurso de Santo Estêvão nos Atos dos Apóstolos é um bom exemplo para mostrar como o Antigo Testamento, especialmente o episódio do Êxodo, é o que tem a supremacia no significado deste conceito:

Este Moisés o qual negaram, dizendo: Quem te colocou como chefe ou juiz? Deus enviou-lhe tanto como chefe quanto libertador pela mão do anjo que lhe apareceu na sarça. Ele os conduziu para fora, tendo feito **prodígios e sinais** na terra do Egito, no mar Vermelho e no deserto, por quarenta anos (At 7,35-36, grifo e tradução nossa).

⁷O termo hebraico correspondente a prodígio é *mōphēt* (מֹפֶת).
Unifalco em Pesquisa, São Paulo SP, v.5, n.2 julho 2015

Deus que realiza sinais e prodígios que fazem tremer os seres humanos diante de sua grandeza, também facultou aos apóstolos e discípulos realizá-los, como aconteceu com os apóstolos enquanto rezavam durante as perseguições:

Agora, Senhor, olha para as suas ameaças e dá aos teus servos anunciar com toda ousadia a tua palavra. Estenda a tua mão para se realizar em curas, **sinais e prodígios** por meio do nome do teu santo servo, Jesus. E tendo assim rezado, foi sacudido o lugar no qual estavam reunidos, e todos ficaram cheios do Espírito Santo e anunciaram a palavra de Deus com ousadia (At 4,29-31, grifo e tradução nossa).

4 MILAGRES (δύναμις)

O termo grego δύναμις (dýnamis), palavra utilizada para se referir aos milagres, tem muitos significados⁸. Entre eles, ressaltamos o de poder e força. Na Antiguidade, esta palavra grega significava a força física para fazer algo, inclusive para combater. Obviamente, no Antigo Testamento, Deus tinha este atributo. Deus é o Forte de Israel, capaz de fazer atos portentosos em favor de seu povo, manifestando sua força: “Ó Deus, pelo teu nome, salva-me! E pelo teu **poder**⁹, faze-me justiça” (53,3, grifo e tradução nossa)¹⁰.

Também o profeta Jeremias recebe esta palavra de Deus: “Por isso, eis que lhes mostrarei a minha mão neste momento e lhes faço

⁸ Basta dizer que o mesmo termo pode significar “força física”, “potencialidade” em oposição ao ato na concepção aristotélica, “habilidade”, “milagre”, e assim por diante, para perceber a elasticidade do termo (BAILLY, 2000; CHANTRAINE, 1968; PABÓN, 2006; LIDDELL; SCOTT, 1996).

⁹ O termo hebraico correspondente à força ou poder é muito variado. Neste salmo, bem como na seguinte citação de Jeremias, foi utilizada a palavra *g^ebūrah* (גְבוּרָה).

¹⁰ A numeração deste Salmo segue a versão dos LXX. Segundo a versão hebraica seria o Salmo 54.

conhecer o meu **poder**, e conheçam que meu nome é Senhor” (Jr 16,21, grifo e tradução nossa).

4.1 Milagres no Novo Testamento

O Novo Testamento igualmente acompanha esta ideia de um Deus Poderoso. Quando interrogado pelo Sumo Sacerdote, depois que foi preso, Cristo declarou que estaria sentado à direita do poder de Deus (Mc 14,62). Mas o próprio Cristo possui o mesmo poder que o Pai, que é Onipotente. Onde se manifestou, de forma suprema, o poder de Cristo? Em sua ressurreição! Ali Ele mostrou ter poder sobre a morte e a natureza; é por isso que temos a garantia da nossa própria ressurreição (1Co 6,14).

A manifestação da força de Cristo também se dá na cura dos corpos e das almas, ideia que transparece claramente nos milagres realizados por Ele. No entanto, para que Jesus utilize sua força é necessária a fé.

O fato daquela mulher que há doze anos sofria de fluxo de sangue, e que ficou curada ao tocar o manto de Jesus, bem ilustra o requisito exigido por Cristo a fim de operar um milagre: “E imediatamente Jesus reconhecendo que saíra de si mesmo um **poder [força]**, voltando-se para a multidão, disse: Quem tocou nas minhas vestes?” (Mc 5,30, grifo e tradução nossa). Neste momento chamamos a atenção para a sequência do fato, que dará a chave de interpretação para saber quando é que Jesus utiliza sua força:

A mulher, temendo e tremendo, sabendo o que tinha ocorrido com ela, veio e caiu-lhe aos pés e disse-lhe toda a verdade. Mas ele lhe disse: Filha, **a tua fé te salvou**. Vai em paz e sê curada de tua doença (Mc 5,33-34, grifo e tradução nossa).

O mesmo termo (δύναμις) que está sendo utilizado para significar poder, também é empregado para se referir aos milagres de Jesus.

É evidente no texto bíblico a necessidade de reciprocidade de quem presencia um milagre: “Então, [Jesus] começou a acusar as cidades nas quais ele tinha feito numerosos **milagres**, porque não se arrependeram” (Mt 11,20, grifo e tradução nossa). Ele exige fé daqueles que são beneficiados e arrependimento dos pecados dos que atestam os milagres.

Segundo Balz; Schneider (2005), nos Sinóticos¹¹, os milagres de Jesus nunca se chamam “σημεῖον” (sinal), mas “δύναμις” (força, poder).

Os milagres de Nosso Senhor não são apenas curas, não é somente uma ação medicinal. O que realmente esses milagres pretendem é conduzir ao arrependimento e apontar para a salvação eterna. Mais do que operar curas, Cristo quer que se compreenda que Ele pode trazer a salvação eterna (a cura definitiva da alma).

O mesmo poder de Jesus Cristo, utilizado para operar milagres, igualmente se manifesta na fraqueza humana, para que o cristão possa viver em estado de graça, na amizade com Deus. Mas para isso é necessário pedir esta força (poder) de Deus. Exemplifiquemos com o testemunho do Apóstolo Paulo quando pediu por três vezes que o Senhor afastasse dele as tentações:

¹¹ “O termo *sinóticos*, no plural, designa os três primeiros Evangelhos, os de Mt, Mc e Lc, em razão das semelhanças que apresentam quando os colocamos em *sinopsis*, ou seja, em colunas paralelas” (ALETTI et al., 2007, p. 19, tradução nossa).

Mas [o Senhor] me disse: Basta-te a minha graça, pois é na **fraqueza** que se manifesta todo o meu **poder**. Afinal, de bom grado ainda mais me gloriarei nas minhas **fraquezas**, a fim de que repouse sobre mim o **poder** de Cristo (2Co 12,9, grifo e tradução nossa).

Portanto, quem viver constantemente em estado de graça é um miraculado, no sentido aqui tratado, pois está sendo amparado pela força de Cristo.

5 SINAIS, PRODÍGIOS E MILAGRES

Em algumas ocasiões os termos sinais, prodígios e milagres aparecem explicitamente juntos (At 2,22; 2Co 12,12; Hb 2,4; 2Ts 2,9).

No discurso que São Pedro proferiu aos judeus no dia de Pentecostes, logo após receber o Espírito Santo, mostra o próprio Cristo realizando essas obras:

Homens Israelitas, ouvi estas palavras: Jesus, o Nazareno, homem que vos foi indicado por Deus com **milagres, prodígios e sinais** os quais Deus realizou por ele no meio de vós conforme vós mesmos o sabeis (At 2, 22, grifo e tradução nossa).

O Apóstolo Pedro expressa ser Jesus o Filho de Deus, o Salvador da humanidade, comprovado com os milagres, sinais e prodígios. Segundo Wikenhauser (1973), a parte central do discurso de São Pedro se refere a Nosso Senhor. Apesar de ter realizado inúmeros milagres, Cristo foi crucificado pelos judeus, os quais se valeram da autoridade

romana. No entanto, Cristo ressuscitou e nada impediu o cumprimento de sua missão divina.

Na segunda carta aos Coríntios, escrita por São Paulo quando estava na Macedônia e levada por Tito a esta comunidade, ele afirma sua autoridade apostólica: “**Os sinais** do [verdadeiro] apóstolo se realizaram entre vós com toda a paciência, **sinais e também prodígios, e milagres**” (2Co 12,12, grifo e tradução nossa). Para Turrado (1965, p. 499, tradução nossa), “estes três últimos termos praticamente são equivalentes, e aludem aos milagres realizados por Paulo em Corinto”. Discordamos deste ponto de vista, procurando encontrar os matizes próprios de cada termo.

Na Carta aos Hebreus, o trecho destacado abaixo reflete a discussão que havia entre os cristãos convertidos do paganismo e os cristãos judaizantes, os quais queriam aplicar a lei mosaica aos recém-convertidos. A carta evidencia que a lei de Cristo (o Evangelho) é superior à lei mosaica, não porque a elimina, mas porque a conduz à perfeição. O Antigo Testamento é lido à luz de Jesus Cristo, única forma de entendê-lo. Eis o juízo de quem despreza o Evangelho de Cristo depois de conhecê-lo:

Como escaparemos nós desprezando tão grande [mensagem de] salvação, a que no início foi anunciada pelo Senhor e que foi confirmada para nós pelos que a ouviram, testemunhando Deus com eles tanto por **sinais** quanto por **prodígios** e vários **milagres**, e pelas distribuições do Espírito Santo, segundo a sua vontade? (Hb 2, 3-4, grifo e tradução nossa).

Segundo McConnell (1966), o Senhor, que é o Filho, muito mais do que proclamar o Evangelho com palavras, proclamou-o com seus atos, com sua vida. Os leitores desta carta não ouviram diretamente o

Senhor, mas ouviram seus discípulos, que narraram tudo o que tinham visto e ouvido, cuja pregação era confirmada com uma multidão de sinais.

É ainda São Paulo quem fala sobre os três termos em sua segunda carta aos Tessalonicenses. O trecho está envolto na expectativa da segunda vinda de Cristo. O Apóstolo exorta a tomarem cuidado com os falsos profetas ou alguma carta que dizem ser sua.

Na verdade, deve vir um ímpio, que as epístolas de São João chamarão de anticristo, ajudado por Satanás. Antes que o Senhor volte, haverá dois sinais: a apostasia e a manifestação deste ímpio (BROWN et. al., 1972).

A vinda do ímpio será segundo a eficácia de Satanás, com todo tipo de **milagres, sinais e prodígios** de mentiras e com todo engano de injustiça aos que perecem, por não aceitarem o amor à verdade para serem salvos. Por isso, Deus envia-lhes esta eficácia de erro para acreditarem na mentira, afim de que sejam condenados todos os que não creram na verdade, mas tiveram prazer na injustiça (2Ts 2,9-12, grifo e tradução nossa).

Agostinho de Hipona (2010) comenta que Deus permitirá a satanás operar essas coisas para castigo daqueles que não creram em Cristo, e passarão a seguir os sinais e prodígios do pai da mentira, por não terem querido seguir Aquele que é a Verdade. Então virá Nosso Senhor e julgará a todos de forma justíssima, Ele que foi condenado pelos homens de forma injustíssima.

6 CONCLUSÃO

A característica própria do sinal é confirmar ou exemplificar algo que foi dito ou percebido pelos sentidos. Ele pode ou não ser um

milagre. O prodígio, ao contrário, sempre tem uma característica sobrenatural e assombrosa. Quando aparecem juntos, sinais e prodígios, geralmente se referem às intervenções de Deus por ocasião do Êxodo, que é a manifestação de Deus tanto para os israelitas e quanto para o Egito, cujos sinais são, ao mesmo tempo, coisas assombrosas aos olhos humanos.

O milagre está baseado no poder de Deus, que é utilizado em favor dos seres humanos. Cristo pode empregar sua força para operar um milagre, pressupondo a fé de quem é beneficiado. Este poder também foi utilizado por seus apóstolos e discípulos.

Somos da opinião que a reunião destes três conceitos, sinais/prodígios/milagres, sempre no plural, pode indicar ações diferentes ou uma mesma ação com três alcances: para a realização do milagre é necessária a fé; o mesmo milagre pode suscitar o assombro, por ser sobrenatural; e também é um sinal de credibilidade do discurso de quem o produz.

Cada uma das citações em que esses conceitos aparecem juntos possuem matizes diferentes. No discurso de São Pedro, é o próprio Deus que se manifesta em Jesus Cristo, realizando-os com seu poder divino. No entanto, os judeus daquele tempo não reconheceram os sinais, prodígios e milagres de Jesus.

São Paulo, na segunda carta aos Coríntios, mostra como também os apóstolos são capazes de praticar esses atos, sendo inclusive uma confirmação da verdadeira pregação em nome de Cristo.

Na carta aos Hebreus, a trilogia sinais/prodígios/milagres, aparece juntamente com outra trilogia: Deus/Cristo/discípulos. É pelo poder Deus, por intercessão de Cristo, que os apóstolos e discípulos são

capazes de fazer essas ações. A origem é sempre divina. Portanto, nessas três citações fica patente que sem Deus é impossível realizar sinais, prodígios e milagres.

A perplexidade entra com a citação da segunda carta do Apóstolo Paulo aos Tessalonissences. Aqueles que se recusaram a acreditar nos sinais, prodígios e milagres, sejam os realizados diretamente por Jesus Cristo ou seus discípulos, em determinado momento serão seduzidos, pela permissão de Deus, com sinais, prodígios e milagres realizados por Satanás, através do Anticristo.

Surge aqui uma divisão da Humanidade entre os que reconheceram a Verdade de Cristo e os que a negaram. Novamente, volta à tona o tema da apresentação de Jesus no Templo de Jerusalém, momento em que Simeão mostra que Jesus seria um sinal de contradição, não só para aquela época, mas num sentido universal até sua volta.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**. Contra os pagãos. Parte II. Trad. de Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes, 2010.

ALETTI, J. N. et. al. **Vocabulario razonado de la exégesis bíblica**. Trad. de Pedro Barrado y María Pilar Salas. Estella (Navarra): Verbo Divino, 2007.

BAILLY, A. **Dictionnaire grec-français**. Paris: Hachette, 2000.

BALZ, H.; SCHNEIDER, G. **Diccionario Exegético del nuevo testamento**. Vol. I. Trad. de Constantino Ruiz-Garrido. 3a. ed. Salamanca: Sígueme, 2005.

BALZ, H.; SCHNEIDER, G. **Diccionario Exegético del nuevo testamento**. Vol. II. Trad. de Constantino Ruiz-Garrido. 2a. ed. Salamanca: Sígueme, 2002.

BROWN, R. et. al. **Comentario bíblico “San Jerónimo”**. Tomo III. Nuevo Testamento I. Madrid: Cristiandad, 1972.

CHANTRAINE, P. **Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque**. Histoire des mots. Tome I. Paris: Klincksieck, 1968.

COENEN, L.; BEYREUTHER, E.; BIETENHARD, H. **Diccionario teológico del Nuevo Testamento**. Vol. III. 3a. ed. Salamanca: Sígueme, 1990.

FOSCI, F. **Seconda Lettera ai Tessalonesi**: Analisi e riflessioni sul testo, 2013. In: <http://www.chiesadicristolatina.it/studio-prima--e-seconda-tessalonesi.html>. Consultado em 13/01/2015.

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. **A Greek-English Lexicon**. Oxford: Clarendon Press, 1996.

LIMA, A. R. **O Cânon Bíblico**: A Origem da Lista dos Livros Sagrados. São José dos Campos. São Paulo: ComDeus, 2007.

MCCONNELL, J. F. **Epístola a los hebreos**. Santander: Sal Terrae, 1966.

PABÓN, J. M. **Diccionario Manual Vox de Griego Clásico-Español**. 19ª ed. Barcelona: Vox, 2006.

RAHLFS, A.; HANHART, R. **Septuaginta**. Editio altera. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

THE GREEK NEW TESTAMENT. Former Editions edited by Kurt Aland, Matthew Black, Carlo M. Martini, Bruce M. Metzger, and Allen Wikgren. D-Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2002.

TURRADO, L. (Profesores de Salamanca). **Biblia Comentada VI: Hechos de los Apóstoles y Espítolas paulinas**. Madrid: BAC, 1965.

VAWTER, B. **Introducción a las cartas paulinas primera y segunda a los tesalonicenses**. Santander: Sal Terrae, 1966.

WIKENHAUSER, A. **Hecho de los apóstoles**. Barcelona: Herder, 1973.